

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ARACELLI MAGALHÃES DE LUCENA**

**LUCIANE MONTE DE ARAÚJO**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO APORTE DA FORMAÇÃO  
PEDAGÓGICA**

**JOÃO PESSOA/PB**

**2015**

**ARACELLI MAGALHÃES DE LUCENA**

**LUCIANE MONTE DE ARAÚJO**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO APORTE DA FORMAÇÃO  
PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, mantido e administrado pela Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Grau de Pedagogo, sob orientação da. Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>Fabiana Sena.

**JOÃO PESSOA/PB**

**2015**

**ARACELLI MAGALHÃES DE LUCENA  
LUCIANE MONTE DE ARAÚJO**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO APORTE DA FORMAÇÃO  
PEDAGÓGICA**

**Data da Aprovação: 03/11/2015**

**EXAMINAÇÃO**

---

**Prof<sup>ª</sup>Dr<sup>a</sup> Fabiana Sena da Silva**

---

**Prof<sup>ª</sup>Ms.Santuzamônica de F. P. da Fonseca**

---

**Prof<sup>ª</sup>Ms. Veridiana Xavier Dantas**

**JOÃO PESSOA/PB  
2015**

Dedico à realização este trabalho a Deus, aos meus familiares aos professores do curso de Pedagogia e a todos os que se dedicam a nobre missão de educar.

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer. Concedeu-me inteligência e perseverança para prosseguir firme na conquista de meus objetivos profissionais.

Aos meus pais, meus primeiros educadores. Se hoje alcanço a realização dessa graduação, vocês foram meus maiores incentivadores.

À minha orientadora Fabiana Sena, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Sua ajuda foi de suma relevância para a concretização deste trabalho.

À faculdade, ao corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela onde hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética adquiridos na graduação. Aos funcionários da faculdade pelo carinhoso apoio e atenção.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o acesso ao conhecimento, pelo tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados os quais sem nominar terão sempre meus eternos agradecimentos.

Aos colegas de turma, companheiros nessa jornada rumo à aquisição do conhecimento. Nossa amizade ficará para sempre guardada na memória.

A todos, meu muito obrigada.

*É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, e tal maneira que num dado momento a tua fala seja, a tua prática.*

*Paulo Freire*

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1 – Distribuição do espaço físico .....</b>	<b>35</b>
---	-----------

## RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo central analisar a relação entre teoria e prática presente no Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia e o significado atribuído a esse componente curricular. Buscou-se identificar as relações entre as experiências e a prática pedagógica vivenciadas no estágio com a realidade que impera nos espaços escolares, a qual é bem distinta da concepção formulada durante a graduação. Tomando como mote uma revisão das obras de Pimenta (1997), Pimenta e Lima (2001), Libâneo (1997), Piletti (2004), dentre outros. A experiência de campo vivenciada no processo de estágio supervisionado permitiu compreender tanto a complexidade da práxis educativa, bem como forneceu uma nova visão sobre os processos de formação do pedagogo. Os dados coletados durante a observação e regência de sala de aula possibilitaram compreender que o estágio é um espaço privilegiado de formação, uma instância de articulação entre os saberes teórico-práticos e a experiência concreta de educar. Nossas ações no futuro dependem de nossa formação acadêmica, e para atender as exigências e anseios da sociedade, deve ser pautada por um processo de ação-reflexão entre teoria e prática.

**Palavras-Chave:** Formação Docente. Pedagogo. Estágio Supervisionado.



## ABSTRACT

This work is the result of an inquiry that had like central objective analysed the relation between theory and present practice in the Supervised Traineeship of the course of Pedagogy and the meaning attributed to this component curricular. looked to identify the relations between the experiences and the pedagogic practice survived in the traineeship with the reality that rules in the school spaces, what it is quite different from the conception formulated during the graduation. When Pepper is taking like motto a revision of the works of Pimenta (1997) Pimenta e Lima (2001) Libâneo (1997), Piletti (2004), Perrenoud (2000), among others and the experience itself of field survived in the process of supervised traineeship possible understood so much the complexity of the educative *práxis*, as well as it supplied a new vision on the processes of formation of the educationalist. The data collected during the observation and regency of classroom made possible to understand that the traineeship is a privileged space of formation, a persistence of articulation between you know them practical-theoretically and the concrete experience of educating. Our actions in the future depend on our academic formation, and to attend the demands and longings of the society, it must be ruled by an action-reflection process between theory and practice.

**Key-Words:** Teaching formation. Educationalist. Supervised traineeship.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA .....</b>	<b>12</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
3.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	17
3.1.2 O estágio como subsídio para a aproximação dos dois pilares: teoria e prática .....	17
3.3 COMPONENTES PEDAGÓGICOS ESSENCIAIS AO EDUCADOR .....	25
3.3.1 O estágio supervisionado na Educação Infantil .....	28
3.3.2 O estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental .....	30
3.4 O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	32
3.4.1 Caracterização da Escola-Campo .....	32
3.4.2 Estrutura física .....	33
3.4.3 Estrutura gestora e funcionalidade social da escola .....	33
3.4.5 O processo de permanência na escola .....	34
<b>4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS .....</b>	<b>36</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil no século XXI apresenta grandes avanços e desafios ao campo acadêmico, saímos de uma educação compensadora, tradicionalista, para uma educação multicultural que reconhece e valoriza o potencial de cada indivíduo para desenvolver-se de forma plena e alcançar, por seus esforços e interesses a capacidade de tornar-se um indivíduo crítico, autônomo, criativo, dotado da competência de fazer inferências lógicas e racionais sobre o saber conquistado.

Nesse cenário, o educador é socialmente reconhecido como o principal mobilizador do sucesso do educando. A sociedade espera desse indivíduo que seu compromisso didático-pedagógico com a transmissão do saber seja de fato efetivo para o aprendiz. Por outro lado, os pais e responsáveis depositam no educador a esperança de que suas crianças consigam desenvolver integralmente seus aspectos biopsicossociais, para que futuramente tenham êxito no exercício de uma profissão no competitivo mercado de trabalho.

Ser educador numa época tão moderna como a que vivemos não é tarefa fácil, as exigências impostas à escola requerem que o professor seja competente no exercício profissional dominando conhecimentos científicos e saberes da vida em sociedade. A meta da educação na sociedade democrática e moderna é formar indivíduos autônomos e independentes, dotados da capacidade de adquirir informações por conta própria e fazer sobre estas inferências lógicas e racionais sobre os saberes apreendidos.

Em qualquer modalidade da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais, Educação de Jovens e Adultos ou Ensino Médio), o educador deve ter a capacidade de aliar teoria e prática, de compreender que a missão de educar é atrelada por aspectos objetivos (conteúdos de ensino) e aspectos subjetivos inerentes aos sujeitos aprendentes. E para haver êxito nesse processo todo, o profissional da educação necessita constituir-se como sujeito hábil na nobre e difícil missão de educar.

Noutro entendimento, além das competências técnicas adquiridas no curso de graduação, espera-se que o educador consiga aliar efetivamente teoria e prática no exercício da docência. Ante o exposto, despontou o interesse de desenvolver essa pesquisa para responder à seguinte pergunta: Quais são as contribuições dos estágios curriculares supervisionados obrigatórios para a formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia?

Nossa hipótese é a de que os estágios curriculares supervisionados do curso de Pedagogia têm contribuído significativamente para a formação dos acadêmicos. Especificamente para o

curso de Pedagogia, considera-se que por meio da prática é possível aproximar o aluno do ambiente em que atuará, permitindo que este reflita sobre sua prática docente mediante suas experiências vividas, suas práticas educativas. Nosso principal objetivo é verificar o desenvolvimento dos estágios curriculares supervisionados do curso de Pedagogia, evidenciando-se sua importância na formação docente dos acadêmicos.

O que motivou a realização desta pesquisa foi à experiência como acadêmica nos estágios curriculares supervisionados obrigatórios. Salienta-se a relevância dessa experiência, uma vez que propiciou o contato com o cotidiano das escolas, além de momentos de criação e participação nas práticas docentes com o objetivo de suprir os problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, isto é, problemas que dificultam e até mesmo impedem o ensino e a aprendizagem das crianças. Além disso, a mesma proporcionou momentos de estudos que permitiram a articulação entre teoria e prática, levando à reflexão e construção de minha identidade profissional.

É preciso considerar que além de saber o que ensinar, é preciso saber para quem se vai ensinar. É exatamente durante o estágio supervisionado que o graduando tem diante de si a oportunidade de fortalecer a relação teoria e prática baseada no pressuposto metodológico de que o desenvolvimento de competências profissionais implica em utilizar conhecimentos adquiridos, quer na vida acadêmica quer na vida profissional e pessoal. Sendo assim, o estágio constitui-se em importante instrumento de conhecimento e de integração do graduando a realidade social, econômica e principalmente, do trabalho a ser exercido em sua área profissional.

Acredita-se que a realização dessa pesquisa contribuirá diretamente com a formação de competências profissionais a pesquisadora, e fornecerá novos conhecimentos para a comunidade acadêmica, além de incentivar outras pesquisas na área sobre o tema em questão, o qual é de suma relevância para a formação de novos subsídios educacionais.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

O processo de construção de qualquer pesquisa, principalmente, no campo das ciências sociais necessita que seja feita uma escolha minuciosa dentre as várias metodologias para encontrar a que melhor se adéque aos objetivos que se pretende alcançar. A pesquisa é o principal meio para tornar os profissionais da educação sujeitos críticos, reflexivos e criativos.

Segundo Minayo (2009, p. 5) “É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo” (MINAYO, 2009, p. 5). Dito de outra forma, a pesquisa é um conjunto de ações que auxilia os sujeitos a descobrir soluções para um problema que desafia nossa compreensão. Pesquisa é, portanto o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento.

Para construir um caminho a ser trilhado na busca pelo conhecimento, é preciso escolher o método que seguiremos e que mais se relaciona com os nossos interesses. Para Gil (2002, p. 26), o método pode ser entendido como o curso percorrido para se chegar a um fim, sendo o método científico entendido como “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Não obstante, Lakatos e Marconi (2007) definem o método como atividade sistemática e racional que permite alcançar o objetivo da pesquisa, traçando o caminho a ser seguido para viabilização e execução da mesma. Conforme as considerações dos autores acima, o método precisa estar diretamente relacionado aos objetivos da pesquisa, àquilo que se quer alcançar, não podendo, portanto, ser uma escolha ao acaso com a mera finalidade de se cumprir determinações acadêmicas.

Emerge então processos distintos ou etapas que constituem o método científico, como por exemplo: a observação e coleta de dados. Assim, a teoria científica concede aos pesquisadores a formulação de novos conceitos acerca dos fenômenos sociais, mas, adotar esse procedimento não é fácil, antes exige do pesquisador a capacidade de tornar-se um indivíduo crítico, reflexivo, despojado de suas crenças e certezas. Toda pesquisa para ser válida e socialmente aceita precisa ter forte fundamentação e utilidade social.

Para identificar quais são as contribuições dos estágios curriculares supervisionados obrigatórios para a formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia, como método de pesquisa escolheu-se a realização de uma pesquisa exploratória de cunho descritiva.

De acordo com Gil (2002, p. 43) as pesquisas exploratórias:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer, modificar conceitos e ideias, tendo em vista, à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental. [...] pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

Segundo Triviños (2007, p. 109):

A maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva. O foco essencial desses estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação e sua preparação para o trabalho (TRIVIÑOS, 2007, p. 109).

Os fenômenos presentes na prática educativa são vários e, exigem que os profissionais da educação, de todas as modalidades de ensino, procurem compreender como estes atravessam o cotidiano da escola e quais são as suas consequências para o desenvolvimento de uma prática educativa que esteja de acordo com as necessidades de aprendizagem do educando. De posse desse conhecimento, o profissional da educação tem diante de si a oportunidade de construir um novo referencial de atuação, que toma o educando como o cerne do processo educativo e, reconhece que o desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais apenas pode ser alcançado se as atividades oferecidas aos alunos consigam mobilizar seu interesse e envolvimento pessoal.

Como subsídio à pesquisa exploratória, realizou-se o estudo bibliográfico, que conforme aponta Gil (1999, p. 65):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Para melhor embasamento das impressões captadas na revisão da literatura, bem como para associar teoria e prática, realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativa, que segundo Richardson (1999, p. 79):

A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio da metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa.

Assim, os dados que constituíram a apresentação de resultados farão jus aos objetivos elaborados para seu desenvolvimento, trazendo ao conhecimento do leitor os resultados da pesquisa bibliográfica e do estudo de campo, o qual foi realizado numa escola da rede pública de ensino da cidade de Bayeux/PB.

Na fase da análise houve o cuidado de refletir profundamente e criticamente sobre as observações realizadas durante o estágio supervisionado.

A etapa seguinte consta da apresentação de resultados, que segundo Gil (1997, p.193) “aqui é que se faz a apresentação do significado mais amplo dos resultados obtidos, através de

sua ligação a outros conhecimentos já obtidos”. Assim, os resultados encontrados estão devidamente discriminados no capítulo que trata especificamente da apresentação dos resultados.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Desse momento em diante, nossa discussão procura clarificar a importância do estágio supervisionado para a formação de competências no educador. Com base na revisão da literatura será possível apontar quais são as contribuições dos estágios curriculares supervisionados obrigatórios para a formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia.

#### **3.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

O Estágio Supervisionado é um importante contato que o aluno de Pedagogia tem com seu futuro campo de atuação. Segundo Pimenta (2005), trata-se do eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da identidade e dos saberes do dia a dia. O estágio surge como um meio na formação do aluno, pois é a forma de fazer a ligação do próprio aluno com seu esperado local de trabalho.

Este é um momento da formação em que o graduando pode vivenciar expectativas, conhecer melhor sua área de atuação de tal modo que sua formação se torne significativa, por meio de discussões, produções, levantamento de hipóteses, possibilita-se uma boa reflexão crítica do educador que deverá ter um novo olhar sobre o ensino, a aprendizagem e a função de educar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia (BRASIL, 2006), firmadas no Parecer de 15 de maio de 2006 trazem que, além das aulas ofertadas nesse curso, existe a necessidade de consolidação da formação dos acadêmicos, a qual deve ser realizada por meio de estudos individuais e coletivos, práticas de trabalho pedagógico, de monitoria, de estágio supervisionado curricular, pesquisas de extensão, participação em eventos e outras atividades acadêmico-científicas.

Nesse sentido é nítida a relevância atribuída aos estágios curriculares supervisionados durante o processo de formação do pedagogo, os quais devem conter no mínimo 300 horas, distribuídas entre Estágio Supervisionado na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino

Fundamental, podendo ainda contemplar outras áreas específicas conforme o que determina o projeto político pedagógico da instituição. Neste estudo, considerando-se as determinações legais e as vivências advindas do estágio, busca-se compreender por meio da análise do próprio estágio, como este procedimento pode contribuir para a melhoria na formação dos futuros pedagogos. Destaca-se a importância dos estágios na formação docente e para o futuro profissional dos acadêmicos do Curso de Pedagogia pelos elementos técnicos profissionais que este procedimento fornece ao futuro educador.

O aluno de graduação, durante o estágio, vivencia experiências, conhece melhor sua área de atuação e tem a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos. O estágio surge, então, como um processo fundamental na formação do graduando, pois é a forma de fazer a transição das relações sociais entre aluno e professor.

De acordo com Pimenta e Lima (2011, p. 22):

Para os alunos que não têm experiência docente, o estágio pode ser entendido como o momento de convergências das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso e, principalmente, ser uma contingência de aprendizagem da profissão docente, mediada pelas relações sociais historicamente situadas.

A premissa acima nos leva a compreender que o Estágio Supervisionado deve ser entendido como um processo de apreensão da realidade concreta, que se dá por meio de observação e experiências no desenvolvimento de uma atitude interdisciplinar de leitura da realidade. Envolve análise, interpretação e reflexão sobre os processos de ensinar e aprender. Exige postura adequada para problematizar, avaliar, descrever, registrar a realidade não apenas em sala de aula, mas na escola como um todo e nos demais espaços a ela integrados, como a própria comunidade.

Desse processo, emergem possibilidades de intervenção – o saber fazer no contexto de aplicação da teoria-prática, envolvendo estagiário, profissionais, instituições e professor supervisor: uma atividade intrinsecamente articulada com atividades de trabalho acadêmico, como ensino e pesquisa.

Ainda nas contribuições de Pimenta e Lima (2011, p. 100) aduz-se que o estágio:

[...] pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de ensino fundamental e médio, a realidade dos professores nessas escolas, entre outras.



Nesse sentido, o estágio é compreendido como uma atividade que pode trazer imensos benefícios para o ser humano, para a melhoria do processo educativo e para o estagiário, no que diz respeito a sua formação profissional, provavelmente trará respostas positivas. Estes se tornam ainda mais indispensáveis quando se tem consciência de que as maiores beneficiadas serão a sociedade, a comunidade escolar, os egressos do curso de formação de professores e, em especial, a qualidade da educação.

### **3.1.2 O estágio como subsídio para a aproximação dos dois pilares: teoria e prática**

Para que formar professores? Essa é uma pergunta que temos que fazer ao cursar Pedagogia, sobretudo, pela desvalorização que há anos vem sofrendo o profissional da educação.

Vive-se uma época de muitas transformações, momentos de muitas incertezas. Assiste-se a uma valorização da produtividade, da competitividade nos diversos segmentos da vida humana, inclusive na educação. Neste contexto, inclui-se a figura do educador e os saberes que servem de base para sua prática educativa.

O professor não se reduz à competência técnica, mas sim a referência fundamental de ensino, tendo a responsabilidade político-pedagógica de perpassar sua concepção de educação, tanto pelas iniciativas de colocar em prática as suas idéias, quanto pelas dificuldades de ensinar relacionando o real e o ideal de ensino. Para Pimenta,

Cada vez se torna mais necessário o seu trabalho como mediação nos processos constitutivos da cidadania dos alunos, para o que concorre a superação do fracasso e das desigualdades escolares (PIMENTA, 1997 p. 161).

Um alfabetizador que por acaso não soubesse alfabetizar, teria sido reconhecido como professor sem a devida qualificação, assim como um cirurgião que não soubesse fazer cirurgia. Diante disso, o texto de Pimenta (1997) nos adverte da questão da importância da formação do professor, é necessário conhecer as novas didáticas para ensinar cada conteúdo com eficiência. Libâneo (1994, p. 179) nos mostra a importância do professor ser um sujeito criativo e flexível, “A estruturação da aula é um processo que implica a criatividade e flexibilidade do professor”. Todo o saber transferido apenas é efetivo se houver por parte do educador a competência de dinamizar a transmissão dos conteúdos.

Os professores são parte integrante do processo educativo, sendo importantes para a formação das gerações e para os padrões de sociedade que buscamos. Libâneo (1994) situa a educação como fenômeno social e universal determinando o caráter existencial e essencial da mesma. E ainda, estuda os tipos de educação se referindo as influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos. A educação pode ser também, formal ou não-formal, dependendo sempre dos objetivos e da intenção que o educador confere a mesma.

Pensar em educação pressupõe sempre pensar em prática docente e prática pedagógica com qualidade. Para tanto, se faz necessário entender a formação de professores para o desenvolvimento dos saberes docentes, o que exige qualificação, valorização profissional e políticas adequadas, considerando-se a importância que seu trabalho exerce na sociedade.

A formação de professores é apontada como um dos principais responsáveis pelos problemas da educação. Ainda que tenha ocorrido uma verdadeira revolução nesse campo nos últimos anos, há ainda grande dificuldade em se por em prática, o que aprendemos na academia. Ora pela deficiência da formação, ora pela falta de estrutura das escolas brasileiras.

Então, como é possível integrar teoria e prática ao longo de todo o processo de formação do professor?

Tempo atrás, achava-se que para ser um bom professor bastava ter amor pelas crianças. Qualquer mocinha amável poderia ser professora, “a tia”, expressão com a qual não simpatizam os educadores vez que minimiza o papel do professor, tentando fazer dele um parente, alguém amável e compreensivo.

Nos dias atuais ainda se encontra a partilha das mesmas ideias. Porém, as novas teorias investigativas apontam para um professor reflexivo, crítico, contrariando o ideal de extensão de família. Neste contexto, é fundamental a relação teoria e prática, visto que ao longo desse processo o professor entende a importância da sua prática para a sociedade. Se põe no papel de educador, crítico, reflexivo, pesquisador, atuante na construção de saberes e mediador de um processo educativo. Para isso, é necessário que os profissionais da educação sejam realmente qualificados para atuar na escola, sabendo com precisão os objetivos que pretende alcançar.

Quando se pensa em formação de professores deve-se pensar em toda a sua carreira. O professor deve reelaborar os saberes iniciais desenvolvidos na academia e relacioná-los frequentemente com suas expectativas práticas.

É nesse processo de trocas de saberes que o professor se torna reflexivo, ou seja, está em permanente questionamento sobre a sua didática, entendendo que não é mero aplicador de conteúdo, mas mediador de meios para aprendizagem de valores como solidariedade, liberdade

e autonomia. Partindo do princípio de que todos são sujeitos no processo de produzir saberes, de entender e transformar a realidade. Saber este que deve estar vinculado à vida, num processo dinâmico, frente às exigências sociais de conhecimento e crescimento das aspirações sobre educação.

A Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional-LDBEN dispõe no título VI, Art. 62 que:

A formação do docente para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em cursos de licenciatura, de graduação plena, em universidades e instituições superiores, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (LDBEN, 2010, p. 35).

Nessa direção, é preciso admitir que os conhecimentos que diz respeito à prática pedagógica não se acham contidos exclusivamente na teoria educacional, mas procedem também da experiência pessoal e social que tem lugar dentro e fora da escola. Isto supõe a existência de uma cultura pedagógica que extrapola o discurso científico, pois é também produzida e partilhada socialmente pelos professores.

Um aspecto fundamental na formação profissional diz respeito à articulação entre teoria e prática, e reflexão e ação. Tal aspecto, em princípio, pode ser mais fácil na formação continuada do que na formação inicial, por se dirigir a profissionais que estão atuando e que, portanto, vivem problemas que se colocam no cotidiano e sobre os quais podem construir soluções criativas, mediante a reflexão socialmente contextualizada e teoricamente fundamentada sobre a prática educativa.

A relação teoria e prática tem sido recorrente nos debates acadêmicos, na pesquisa e também no cotidiano, contudo ao se dirigir um olhar mais crítico é possível perceber que os conceitos de teoria e prática são equivalentes. Em nível de senso comum, muitas vezes, a prática se constitui na própria experiência, o fazer em si. Ao passo que a teoria para o senso comum em geral se distancia com a ideia de abstração, desvinculada da realidade ou da prática, como dizem alguns.

Ante o exposto, percebe-se que a profissão docente abrange singularidades que a diferencia dos demais profissionais, ou seja, não é suficiente apenas carregar um título acadêmico, é preciso dedicação, degrau que não se alcança apenas pelo simples querer-ser, mas que é alcançado quando há compromisso do profissional consigo mesmo, sob uma ação pautada pela ética e pelo interesse de crescer tanto no plano profissional quanto pessoal.

De acordo com Nóvoa (1991, p. 36), para formar professores numa perspectiva de totalidade há que se considerar três eixos estratégicos: a pessoa do professor e sua experiência; a profissão e seus saberes e a escola e seus projetos. Ainda segundo Nóvoa:

A formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência.

Diante disso, é preciso compreender que a organização dos tempos e dos espaços da escola reflete à concepção pedagógica adotada pelo coletivo e ser professor, na concepção mais genuína, é ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente, haja vista que não existe teoria sem a prática e vice-versa, uma completa a outra.

Os professores devem entender que a aprendizagem é um processo ativo, não ocorre, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno e do professor, pois se não acreditar, se não estiver vendo, sentido, como poderá provocar no aluno o desejo de conhecer? Dessa forma, faz-se urgente uma ampla discussão sobre a formação continuada dos professores, a fim de diminuir o abismo entre os seus propósitos e a sua efetivação, já que sem o engajamento do professor não há como efetivar de maneira qualitativa essa nova filosofia de olhar a educação vendo um novo perfil de professor.

Se a formação prévia adequada é imprescindível ao desenvolvimento da competência profissional, a formação continuada é essencial para o crescimento constante como profissional, como cidadão e como pessoa. Assim, a formação continuada constitui um dos aspectos fundamentais da valorização dos profissionais da educação, conforme o Artigo 67 da LDBEN, o qual determina que os sistemas de ensino devam assegurar, no magistério público: “[...] aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento remunerado para esse fim; [ ...] progressão funcional baseada na titulação ou habilitação e na avaliação do desempenho; período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho [...]”.

Acerca da análise da prática pedagógica que visa à qualidade do ensino Pimenta e Lima (2001, p. 65) afirmam que:

[...] [o professor] além de saber os conhecimentos sobre determinada área da realidade, que se converterá no conteúdo de ensino, alia-se ao domínio de recursos teóricos e metodológicos para transmissão, partilha e socialização dos conhecimentos.

É preciso indagar-se constantemente sobre o sentido do que se está fazendo. Se isso é fundamental para todo ser humano que busca sentido o tempo todo na sua profissão, para o professor é também um dever profissional. Em várias partes da história de nosso país podemos ver a figura do professor tanto na sua valorização como desvalorização. Segundo Pimenta (1997, p. 169) “ter didática é saber ensinar” A aula visa responder à diversidade de estilos de aprendizagem na sala de aula. Então, o que se propõe é uma formação docente que dê conta da heterogeneidade, o que implica em deixar algumas fórmulas antigas para trás, pois, estas não correspondem a gama de diferentes situações que ocorrem na sala de aula.

O exercício profissional deve propiciar ao professor refletir sobre sua prática, no intuito de que essa formação transcorra ao longo de toda trajetória do ato de educar, pois esse ato não se restringe a aplicar cegamente uma teoria, nem se contentar com um modelo, sobretudo, implica na resolução de problemas, na tomada de decisões, no agir em situações indeterminadas e muitas vezes emergenciais. Nesse sentido, a teoria funciona para interpretar a experiência a partir do contexto da prática real, sementretanto, permitir que se preveja e controle tudo, contribuindo para dar significado a prática educativa.

Assim, fica evidente que sem a mudança de postura, que deve ser possibilitada desde a formação inicial, não há como realizar de maneira significativa os saberes necessários para se ter uma boa didática em sala de aula. Portanto, é necessário que se eliminem os ranços de uma formação tradicional, que tem em sua essência princípios baseados na homogeneidade, na qual, o professor é compelido a ver o estudante sem uma identidade. Assim, pensar sua formação significa pensá-la como um continuum de formação inicial e contínua (PIMENTA, 1997, p. 173).

Mesmo com toda importância do conhecimento teórico, ainda encontra-se professores que acham que esses conhecimentos estão associados às situações de prática, embora essa relação entre pensamento e prática seja pouco clara e conhecida. Nesta perspectiva, pode-se perceber o valor do estágio na formação inicial docente, na qual se destaca o valor da prática como componente de análise e reflexão do professor.

Entende-se que teoria e prática devem andar juntas. Dessa forma é preciso integrá-las ao longo de todo processo de formação do professor. Para isso, é fundamental a realização dos estágios como fonte de pesquisa da prática educativa. Segundo Pimenta (1997), um dos principais pontos na formação do professor é a “reflexão na ação, da reflexão sobre a ação e da reflexão sobre a reflexão na ação, como constituinte do professor compreendido como

profissional autônomo”. Assim, é possível compreendermos o que somos e como nos sentimos nessa profissão.

Para Lima (2001, p. 13) a profissão do professor “está situada exatamente no intercâmbio entre o conhecimento sistematizado que a escola oferece e o aluno, portanto, se desenvolve nessa ponte representada pela mediação entre o aluno e o saber, o ensino e a aprendizagem”.

Por outro lado, a prática docente reflexiva como ponto de partida para construção de saberes implica que a reflexão, enquanto objeto de estudo da prática, é entendida também como fonte de conhecimento. É nela que a experiência ganha relevância, enquanto parte do saber-fazer, próprio da profissão. Ou seja, o professor reflexivo, baseia-se em pensamento consciente da prática, isto o caracteriza como criativo e capaz de construir ou reconstruir sua prática, atuando de forma inteligente e flexível.

O professor não se reduz a competência técnica, mas tem responsabilidade político-pedagógica de perpassar sua concepção de educação e ensino. Portanto, o estágio, segundo Pimenta (1997), deve estar além de conferir ao aluno uma habilitação pedagógica, mas sim de colaborar para sua formação, para o exercício da atividade docente.

Muitas vezes o que se percebe em relação aos cursos de formação de professores é uma distância entre teoria e prática, porque esses cursos enchem o currículo com conteúdo e atividades e mantêm o aluno afastado da realidade social das escolas. Diante disto, o texto de Pimenta, (1997) nos adverte sobre a importância da formação de professores; é necessário conhecer as novas didáticas para ensinar com eficiência, é preciso que todos os que fazem parte do processo educativo da escola tenham claro o objetivo que desejam alcançar.

Ser professor é ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente. Como a aprendizagem é um processo ativo, não vai se dá, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno e se o professor não estiver motivado como poderá provocar no aluno o desejo de aprender?

Mudar, transformar, descobrir, reelaborar não é tarefa fácil, mas da mudança emerge o movimento que torna vivo o espaço para a criação de processos e culturas. Ensinar e aprender são descobertas incríveis, ampliam e socializam saberes. Uma educação de qualidade é possível, necessita-se pensar e agir no desejo de fazer a diferença, ou seja, de algum modo contribuir para que o aprender seja de fato um modo de emancipar a humanidade de suas “ignorâncias”.

O ensino é um processo sistemático, intencional, que visa à formação integral do educando, ou seja, desenvolver suas potencialidades intelectuais, afetivas e produtivas

(aquisição de saberes que sejam úteis para o trabalho e a vida social). Há necessidade, de o ensino, então, apresentar objetivos claros, capazes de direcionar as atividades pedagógicas. É necessário, também, que o aluno adquira um saber significativo, que tenha sentido para ele e que possa ser utilizado na prática social.

A educação é apresentada com um conceito amplo, que podemos sintetizar como uma modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação da personalidade social e o caráter, sendo assim uma instituição social.

Junto dela está a instrução escolar, relacionada à formação e ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, mediante o domínio de certos conhecimentos. O ensino por sua vez é conceituado aqui como as ações, meios, condições para que aconteça a instrução.

Observa-se que a instrução está subordinada à educação. Estas relações criam uma relação intrincada destes três conceitos que são responsáveis pelo educar: educação escolar, pedagogia e didática. “A função diagnóstica se refere à análise sistemática das ações do professor e dos alunos, visando detectar desvios e avanços do trabalho docente em relação aos objetivos, conteúdos e métodos (LIBÂNEO, 1994, p. 190).

Realmente, a escolarização é o processo principal para oferecer a um povo sua real possibilidade de ser livre e buscar nesta mesma medida participar das lutas democráticas. O autor entende democracia como um conjunto de conquistas de condições sociais, políticas e culturais, pela maioria da população para participar da condução de decisões políticas e sociais. (MELLO APUD LIBÂNEO, 1994, p. 35) “A escolarização básica constitui instrumento indispensável à *construção da sociedade democrática*”.

Neste contexto de mudanças, a escola não pode continuar ignorando o que está acontecendo ao seu redor, nem anulando ou marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. Como também não pode desconhecer que a aprendizagem está diretamente relacionada à capacidade dos mais variados modos de saber, e isto têm uma implicação na forma de representar o mundo. Sabe-se que o professor é insubstituível, mas cabe a ele também a tarefa de atualizar sua prática diária e para isso é necessária uma boa formação inicial.

Ademais, é preciso considerar que qualquer indivíduo ao inserir-se como educador em atividades relativas ao ensino-aprendizagem deve conhecer suas competências individuais, procurar mapear suas possibilidades e limites na execução deste trabalho. Se, por acaso, detecta-se alguns limites, deve-se segundo nos aponta Perrenoud (2000, p. 17):

Agir de forma a buscar o desenvolvimento das competências que ainda não construímos. Semelhantemente, para as competências que percebemos já ter desenvolvido, necessita-se adequá-las aos usos a que se destina o que por si só, já mobiliza outras competências em nós, relativas à capacidade de transformar nossa práxis educativa.

Um dos instrumentos indispensáveis na formação de professores é o planejamento de ensino. Além do estágio, que a efetivação da teoria, o educando precisa aprender a planejar. Pois de acordo com o planejamento de suas ações, ele efetiva sua prática. Para isso, a mudança curricular é uma condição necessária para realizar uma reforma educacional que leve a maior qualidade e contribua para construção de um desenvolvimento saudável do ser humano em crescimento.

Para Libâneo (1994, p. 222) o planejamento de ensino é:

Uma atividade de reflexão acerca de nossas opções e ações: se não pensarmos detidamente sobre os rumos que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes na sociedade. A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo: é antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas, isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino.

Em se tratando das realidades em que a qualidade é levada em consideração, temos que compreender que o plano de aula é fundamental para que uma prática educativa seja bem-sucedida. A todo o momento, os seres humanos planejam suas ações, suas decisões, enfim, sua vida. Com o ofício docente não pode ser diferente. As boas práticas em sala de aula mostram-se eficientes e eficazes no cenário educacional justamente porque foram planejadas a partir de uma postura reflexiva sobre a ação que se deseja realizar.

Segundo Pilleti (2004, p. 62) “O planejamento de ensino consiste em traduzir em termos mais concretos e operacionais o que o professor fará na aula para conduzir os alunos a alcançar os objetivos educacionais propostos”. É preciso aliar objetivos de ensino as intenções da educação, as necessidades e interesses de aprendizagem dos educandos.

Em síntese, o planejamento de ensino é o alicerce de todo o currículo escolar. É a partir do planejamento que o professor, o coordenador, dentre outros profissionais da área podem elaborar sua atuação e possibilitar ao aluno um resultado eficaz e eficiente. Planejar é uma questão de organização: é a possibilidade de o professor escrever sendo o autor de seu conhecimento e de seu pensamento com o objetivo a alcançar a aprendizagem do aluno.



Desse modo, os conteúdos serão significativos, pois, o que acontecer em decorrência do planejamento terá sido “previsto”, feito pensado com base em necessidades reais. “Um objetivo bem definido é aquele que comunica claramente ao aluno a intenção educativa do professor” (LIBÂNEO, 1994, p. 32).

Planejar é uma atividade intrínseca da educação, visto que esta tem como características básicas: evitar o imprevisto, prever o futuro, estabelecer caminhos que possam nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, prever o acompanhamento e avaliação das próprias ações. Planejar e avaliar devem ser ações interdependentes, por isso, devem caminhar juntas.

### 3.3 COMPONENTES PEDAGÓGICOS ESSENCIAIS AO EDUCADOR

Ensinar e aprender, indubitavelmente, são processos que, embora distintos, não se excluem e fazem parte da tarefa formal assumida pela educação escolar desde que a sociedade instituiu a escola como espaço responsável pela inserção dos homens na dinâmica da convivência e da participação social. É verdade que a educação, em sua dimensão mais ampla, não acontece somente na escola, mas é nela que se espera que os indivíduos aprendam e possam construir conhecimentos úteis e necessários ao convívio social.

Nesse entendimento, a competência pedagógica do professor nas diferentes especificidades do conhecimento por ele trabalhadas requer não apenas o domínio de informações, leis e teorias acumuladas pela ciência, mas também, habilidades (técnica, social e política) para encaminhar, na sala de aula, o uso socialmente útil do conhecimento, em atitudes coerentes com os princípios da convivência cidadã, do respeito ao meio ambiente e a diversidade humana (BRASIL, 2012).

O desenvolvimento pleno dos educandos depende de práticas educativas que favoreçam a aquisição de conhecimentos e atitudes que permita aos sujeitos desenvolver posturas críticas, participativas e dialógicas de valorização das suas experiências individuais e coletivas.

De acordo com Aranha (2004, p. 8):

Nenhum país alcança pleno desenvolvimento, se não garantir, a todos os cidadãos, em todas as etapas de sua existência, as condições para uma vida digna, de qualidade física, psicológica, social e econômica. A educação tem, nesse cenário, papel fundamental, sendo a escola o espaço no qual se deve favorecer, a todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo da cidadania.

Oliveira-Formosinho (2007) apud Rapoport(2009, p. 91), explica que para contribuir com a escolarização das crianças, os docentes terão que desenvolver a pedagogia da participação, a qual “centra-se nos autores que constroem o conhecimento para que participem progressivamente, através do processo educativo, da(s) cultura(s) que os constituem como seres sócio-histórico-culturais”. Segundo a autora:

Uma pedagogia centrada na práxis de participação procura responder à complexidade da sociedade e das comunidades, do conhecimento, das crianças e de suas famílias, com um processo interativo de diálogo e confronto entre crenças e saberes, entre saberes e práticas, entre práticas e crenças, entre esses polos em interação e os contextos envolventes.

É uma pedagogia que tem como objetivo principal superar as práticas tradicionais de ensino, hoje reconhecidas como obsoletas e invasiva de significados para formar o educando autônomo, crítico e criativo. Nenhum sujeito desenvolve globalmente suas potencialidades se não tiver a oportunidade de participar de situações inovadoras de aprendizagem. Para os iniciantes na missão de educar, esses conhecimentos são essenciais à efetividade de sua ação docente.

Corroborando com a assertiva acima, Libâneo (1994, p. 27) esclarece:

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções. A formação profissional do professor implica, pois, uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e a ação orientada teoricamente.

A escola na sociedade contemporânea exerce uma função social bem distinta de outras décadas, cabe aos educadores a tarefa de otimizar as potencialidades humanas para que assim os indivíduos consigam adquirir competências para o exercício da cidadania plena. Dessa forma, as exigências impostas aos educadores apresentam-se a cada vez mais desafiantes, e para serem superadas faz-se necessário construir novas formas de repassar os conceitos das ciências e, isso, só é possível se a escola proporcionar aos sujeitos situações concretas de ensino-aprendizagem que colaborem diretamente com o avanço significativo dos aspectos biopsicossociais do desenvolvimento humano.

Para Metz e Pienta (2011, p.44),

A almejada qualidade na Educação Infantil exige que, além dos cuidados necessários com a criança, o trabalho tenha uma intenção educativa, norteadas pelo planejamento

adequado à faixa etária e por uma mediação eficaz do profissional, agente reflexivo da prática educativa.

Dessa forma o papel do educador, requer nova postura para buscar soluções, coragem para inovar em sua metodologia, criando situações desafiadoras dentro do cotidiano da sociedade em que vive; trabalhando em colaboração tanto com os colegas como também com os alunos para que assim desenvolva habilidades e possa adquirir competências que os levem, não só a aprender o que está sendo feito, mas a aprender a fazer de forma independente.

Segundo Libâneo (1994, p. 30-31), para o educador corresponder a tais requisitos, é necessário adquirir algumas competências:

Conhecer estratégias do ensinar a pensar e ensinar o aprender a aprender - pode-se aprender a aprender de muitas maneiras, inclusive mediante o ensino, utilizando-se estratégias que conduzam a estruturação de funções e recursos cognitivos, afetivos ou psicomotores. Assim sendo, ensinar a pensar exige dos professores o domínio e conhecimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências do pensar.

Corroborando com o pensamento acima Elias (2000, p. 198) acrescenta:

Conforme ocorrem as mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais, a teoria em que se fundamenta a prática pedagógica também se modifica e precisa ser reelaborada, para que o conhecimento avance. A educação deve fundamentar-se na natureza, no homem, e na sua capacidade de construir o conhecimento. Este só é verdadeiramente construído quando a criança dispõe de liberdade – para selecionar o que quer aprender, para desejar – e de estímulo. Logo, o verdadeiro conhecimento tem como alicerces o trinômio liberdade/interesse/ação.

Por esse viés, compreende-se que incorporar novas abordagens à prática educativa possibilita o desenvolvimento global do educador, no entanto, é preciso ressaltar que só inova realmente quem ama o que faz, pois a inovação é tecida após longos períodos de caminhada, através de estudos profundos e principalmente, de total dedicação do profissional, na busca constante das novas teorias educacionais possíveis de serem sistematizadas na prática, de acordo com a realidade e o contexto da escola.

Na modernidade um dos compromissos que nós (educadores) precisamos assumir é construir uma prática pedagógica que ultrapasse preconceitos e barreiras sociais. Para tanto, faz-se necessária a construção de uma escola criativa e de qualidade. A educação, nesse sentido é concebida como espaço de desenvolvimento humano, de sistematização, descoberta e criação de saberes e de afirmação de valores democráticos e solidários.

Com essa colocação, entende-se que toda e qualquer inovação tem que partir dos educadores, que são os agentes transformadores, os que no cotidiano, agem e interagem junto aos educandos.

### **3.3.1 O estágio supervisionado na Educação Infantil**

A Educação Infantil tem como função pedagógica, um trabalho que toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia através de atividades que tem significado concreto para a vida das crianças, o que simultaneamente assegura a aquisição de novos conhecimentos. Diante disso, é importante que o educador preocupe-se com a organização e aplicação das atividades contribuindo para que estas possam contribuir eficazmente com o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos.

Segundo apontam Metz e Pienta (2011, p. 13):

O estágio supervisionado na Educação Infantil tem um papel de grande importância na formação e atuação profissional dos futuros pedagogos. Situa-los no contexto histórico e abordar as mudanças que ocorrem no setor educacional facilitará a compreensão de quem são as crianças com as quais compartilharão práticas pedagógicas.

A criança da educação infantil diferencia-se dos demais alunos das outras modalidades da educação por ser um sujeito envolto em peculiaridades inerentes da infância. Assim, para que a criança tenha uma experiência intelectualmente estimulante e socialmente relevante é indispensável à mediação de professores com formação específica, boa cultura geral e domínio dos conhecimentos que deve ensinar e dos meios para fazê-lo com eficácia.

Ademais, a partir das mudanças ocorridas tanto no conceito de infância quanto no reconhecimento da criança como sujeito de direitos, chega-se ao terceiro milênio com a noção de que creches e escolas infantis deve se tornar espaços de grande importância para o desenvolvimento e aprendizagem, ou seja, espaços constituídos de integração e valorização da natureza infantil, concebidos como elementos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem infantil.

A preocupação sobre o que ensinar é recorrente entre os estagiários, mas é importante lembrar que professores/alunos serão convidados a trabalhar no estágio conteúdos do campo do seu conhecimento específico, que é a pedagogia (METZ; PIENTA, 2011).

A esse respeito, Pimenta e Lima (2011, p. 127) ressaltam que:

O estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas de profissão, de seus alunos, que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola e na sociedade.

O que nos leva a reiterar que o estágio fornece ao futuro professor a compreensão da dinâmica presente nas salas de aula de Educação Infantil. A partir desse conhecimento, o futuro educador tem diante de si a possibilidade concreta de associar teoria e prática. Entende que no encontro com as crianças faz-se necessário o desenvolvimento de estratégias específicas para trabalhar com as crianças dessa fase da Educação Básica.

Ainda nas contribuições de Metz e Pienta (2011, p. 14) aduz-se:

Isso permite pensar que a criança que frequenta a Educação Infantil faz parte da sociedade e que, de alguma forma, é influenciada por pessoas adultas. Portanto, o trabalho durante o estágio não é neutro, ele influencia as crianças, em aspectos de desenvolvimento e aprendizagem, e também os estagiários, na reflexão da prática. Nesse sentido, compreender um pouco como se desenvolvem e aprendem as crianças que frequentam a Educação Infantil é muito importante para auxiliar o trabalho do acadêmico/estagiário.

Bassedas, (1999, p. 20) citam três aspectos que permitem a reflexão sobre a criança na sua totalidade.

**Maturidade:** trata-se das mudanças que ocorrem no indivíduo, a variação da estrutura e função das células. Está ligada ao crescimento da criança: alongamento dos ossos, peso corporal e, também, a maturação do sistema nervoso central.

**Desenvolvimento:** refere-se às potencialidades do indivíduo – linguagem, raciocínio, memória, atenção, estima. É um processo interminável, que evolui progressivamente. Para que uma criança se desenvolva e evolua, ela precisa de estímulos dos adultos.

**Aprendizagem:** remete-se aos valores, hábitos e conhecimentos que incorporados mudam condutas e modos de pensar e agir. Aprender é acrescentar ao conhecimento já existente novas dimensões, que ampliam a capacidade de resolver problemas.

Esses três pressupostos devem fazer parte do conhecimento teórico dos educadores, pois permitem compreender que a função das creches e pré-escolas é potencializar o desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais, levando-se sempre em consideração o ritmo particular de cada indivíduo no processo de aquisição dos saberes.

Para Nóvoa (1991, p. 74) a dinamicidade da Educação Infantil requer formação adequada “exigindo do professor uma capacidade de adaptação de decisões estratégicas inteligentes para intervir nos contextos”. Por isso, o estágio é a ferramenta pedagógica que fornece competências à docência.

### **3.3.2 O estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**

Diante dos avanços significativos presenciados nas últimas décadas, em seis de fevereiro de 2006, o ex-presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, aprovou a Lei nº 11.274, a qual alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), ao ampliar o ensino fundamental para a duração de nove anos, com a inclusão da criança de seis anos de idade no 1º ano do ensino fundamental, estabelecendo como prazo máximo para a adequação a essa nova exigência o ano de 2010.

Para lidar com essas novas mudanças na legislação educacional, o futuro pedagogo ao realizar o estágio supervisionado nas classes do Ensino Fundamental Anos Iniciais conseguirá desenvolver habilidades para atender as diferentes peculiaridades presente nas salas de aula do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

O artigo 32, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9394, promulgada no ano de 1996, afirma que o Ensino Fundamental é obrigatório, com duração de nove anos. Além disso, a referida lei aponta como objetivos gerais a formação básica do cidadão, mediante:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 2010, p. 22).

De acordo com Metz e Pienta (2011, p. 91) para atender aos pressupostos dessa modalidade da Educação Básica:

A preparação acadêmica deve ser alicerçada na teoria e na prática, elementos que possibilitam o saber, mas também o saber-fazer, ou seja, um sujeito capaz de tomar decisões com consistência teórica. Não podemos pensar em um professor que sabe orientar uma atividade aos alunos, mas que, no entanto, não tem clareza de para que ela serve e quais os benefícios que traz para o desenvolvimento do aluno. O mesmo acontece quando nos deparamos com professores que sabem teoricamente um determinado assunto, mas que, no momento de ensinar, não estão capacitados. É preciso dominar saberes conceituais e metodológicos, dominar o que se deseja ensinar e saber com o “trabalhar com o aluno”.

Não obstante, o documento “Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para a inclusão da criação de seis anos de idade” preconiza que o trabalho desenvolvido pelo professor nessa modalidade da Educação básica deve assegurar a atenção,

[...] as especificidades, as potencialidades, os saberes, os limites, as possibilidades das crianças e adolescentes diante do desafio de uma formação voltada para a cidadania, a autonomia e a liberdade responsável de aprender e transformar a realidade de maneira positiva. A forma como a escola percebe e concebe as necessidades e potencialidades de seus estudantes reflete-se diretamente na organização do trabalho escolar. Por isso, vale ressaltar que, como cada escola está inserida em uma realidade com características específicas, não há um único modo de organizar as escolas e as salas de aula (BRASIL, 2007, p.11).

Os educandos só conseguem desenvolver sua potencialidade se houver por parte dos educadores um forte compromisso com a construção dos saberes, por isso, o estágio favorece a ampliação da teoria aprendida durante a graduação.

Segundo Metz e Pienta (2011, p. 92):

Nesse sentido, volta-se a atenção para a importância do estágio supervisionado na formação acadêmica, não compreendido apenas como a parte prática do curso, mas, sim, como parte integrante do ato educativo, uma disciplina teórico/prática em que somente o fazer não atende às expectativas da formação. Diante da harmonia entre teoria e prática é possível compreender situações reais, nas quais, muitas vezes, a teoria explica a prática e, em outras, a prática explica a teoria.

Para apreender o universo da práxis pedagógica, o estágio supervisionado deve ser compreendido como elemento integrante do ato educativo. É no estágio que o educador tem a oportunidade concreta de aliar teoria e prática, pelo fato que tal procedimento é um subsídio que auxilia o educador a construir uma práxis educativa crítica e reflexiva, adequada as exigências impostas à escola na modernidade.

### **3.4 O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Entendido os pressupostos e a importância do estágio supervisionado na formação do pedagogo, traz-se ao conhecimento do leitor as atividades desenvolvidas na execução do estágio supervisionado.

O campo de realização do estágio foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo da Silveira Lima, localizada na Rua Manoel Francisco S/N, no bairro do Mario Andreazza, na cidade de Bayeux/PB.

A escola tem como filosofia de trabalho a formação da cidadania plena, procurando elaborar e executar projetos que promovam novos ambientes de aprendizagem para que as ações desenvolvidas pelos docentes junto aos educandos sejam significativas e efetivas para que estes consigam ampliar seu nível de desenvolvimento rumo à conquista da cidadania plena.

#### **3.4.1 Caracterização da Escola-Campo**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo da Silveira Lima, foi fundada no dia 28 de março de 1988, completando agora 25 anos de funcionamento. Atendendo ao apelo da população carente da comunidade, através de representantes de associação do bairro que exigiam melhorias principalmente na educação, pois sentiam a necessidade de estudo perto de suas casas, o prefeito autorizou a construção da Escola. Antes de sua construção, as crianças da comunidade não tinham possibilidade de estudar, pois as escolas públicas ficavam muito distante de suas casas, e por se tratar de uma comunidade de baixa renda, as famílias não tinham condições de se deslocar para outras localidades.

A Escola funciona nos três turnos com Ensino Fundamental anos iniciais e finais e EJA, tendo em 2015 o total de 815 alunos matriculados. Conta ainda com 70 funcionários diretamente envolvidos: uma diretora geral e dois adjuntos, duas supervisoras, uma psicopedagoga, uma psicóloga, duas professoras de salas de recursos multifuncionais, um intérprete de libras, um intérprete de braile, duas professoras de informática, duas bibliotecárias, três monitores, quatro cuidadores, treze professoras dos anos iniciais, quinze dos anos finais do fundamental, oito professores de EJA, três agentes administrativos, cinco auxiliares de serviço, três merendeiras e dois porteiros.

#### **3.4.2 Estrutura física**



As salas são amplas e arejadas, algumas com pouca claridade, ainda possui um amplo pátio para as recreações. Desta forma foi observado que a escola é bem localizada e tem alta procura em época de matrícula, justamente por ser uma escola referência no acolhimento a crianças com necessidades especiais.

O espaço físico é dividido da seguinte maneira:

**Quadro 1** – Distribuição do espaço físico

<b>QUANTIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
13	Salas de aula amplas
01	Sala de vídeo
01	Sala de Informática
04	Banheiros
01	Cozinha
01	Secretaria
01	Diretoria
01	Biblioteca
01	Sala de recursos multifuncionais
01	Sala da psicóloga
01	Sala de professores
01	Supervisão
01	Sala do Mais Educação
01	Sala de jogos matemáticos
01	Quadra de esportes

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora.

A instituição possui recursos audiovisuais como: computadores, data show, televisões, DVD e som, todos em bom estado, segundo nos foi informado, e que o professor tem o livre acesso para ser utilizado conforme a necessidade de cada um.

### **3.4.3 Estrutura gestora e funcionalidade social da escola**

A gestão atual afirma ser democrática e chegaram à administração através de eleição para escolha dos diretores.

Funcionários da escola relatam que mesmo depois de muitos anos de fundação, ainda existem dificuldades de permanência nela, pois mesmo sendo uma escola bem estruturada, com profissionais qualificados, a violência, drogas, casos de abuso infantil, estão presentes em seu dia a dia, muitas vezes desmotivando os profissionais que ali estão. Mesmo assim, a população vê a escola na comunidade como um progresso para os moradores, porque a mesma não beneficia apenas suas crianças, mas também a comunidade, abrindo suas portas aos sábados,

por meio do Programa Escola Aberta, promovendo atividades extracurriculares como: xadrez, futsal, arte, culinária, manicure, entre outras.

São vários os problemas existentes na escola, pois a mesma encontra-se numa comunidade que sofre diariamente os reflexos da violência estrutural e simbólica como: assassinatos, brigas, prostituição infantil, juvenil e adulta atingindo assim os alunos e suas famílias. O índice de tráfico e consumo de drogas entre os jovens é muito preocupante. Além disso, o alcoolismo atinge pessoas de várias idades e de ambos os sexos, tais problemas acabam por afetar a escola, pois provoca evasão de alunos, desinteresse pelo estudo, dificuldade de aprendizagem e problemas de indisciplina.

O índice de desemprego é outro problema presente na comunidade, provocando a dependência direta das famílias nos programas sociais. Diante de todas essas questões, uma que chamou a atenção é a dificuldade de aprendizagem que muitos alunos apresentam, com isso, há a necessidade de criação de um ambiente dinâmico e interdisciplinar para que professores e alunos possam chegar a um entendimento favorável para ambas as partes.

E ainda percebe-se que falta um espaço onde esses alunos possam expor suas ideias acerca do que é discutido em sala de aula, com o objetivo de fazer com que estes possam realmente aprender de forma agradável e não apenas pelas exposições do professor, pois diante de tantas dificuldades, não é fácil manter a motivação necessária a aprendizagem.

Essa realidade é apontada por Silva e Ferreira (2010, p. 33) ao esclarecerem que “A educação escolar é uma prática inserida em um contexto social mais amplo e tem por objetivo o desenvolvimento individual-social do ser humano, sujeito às exigências colocadas pelas condições e demandas da sociedade”.

### **3.4.5 O processo de permanência na escola**

O processo de permanência atendeu todos os requisitos da faculdade. O primeiro contato constou da apresentação formal a equipe gestora da escola, com o objetivo de obter autorização para a realização do estágio supervisionado na citada instituição de ensino. A gestora gentilmente abriu as portas da instituição e colocou a minha disposição as supervisoras de ensino para auxiliar-me diretamente na execução de todo o percurso do estágio.

O estágio iniciou-se no dia 15 de março do corrente ano e foi dividido em duas etapas distintas, porém interligadas pedagogicamente. A primeira etapa foi à observação da dinâmica de sala de aula e teve a duração de três dias consecutivos.

A segunda etapa foi à regência de sala de aula. Os dados observados tanto na fase de observação quanto de regência, encontram-se discriminados na seção que traz especificamente a apresentação de resultados.

Antes de deter à atenção na apresentação de resultados, existem algumas questões que devem fazer parte dessa discussão. Os momentos de permanência na escola campo de estágio foi um momento ímpar na minha formação, percebi que o interior da escola é cotidianamente atravessado por questões emblemáticas e controversas. A primeira diz respeito a motivar os educandos para o aprender a aprender. Muitas crianças, como já citado anteriormente, vivem em ambientes em que a violência é um ato comum.

Com isso além dos problemas relacionados diretamente a desmotivação da aprendizagem, percebe-se que essas crianças trazem para o espaço escolar a indignação de viver situações conflitantes e estressantes, dessa forma, o educador tem diante de si o desafio de criar uma cultura escolar que faça esses sujeitos reconhecerem seu potencial de desenvolvimento, para compreenderem que dias melhores podem ser alcançados a partir de seu esforço e empenho pessoal na superação das adversidades.

Segundo, a burocratização que impera nos órgãos estatais muitas vezes desmotivam os educadores. Além das dificuldades inerentes a missão de educar, há ainda outro agravante, os gestores não tratam os educadores como parceiros do trabalho educativo, mas apenas como meros executores de mandos e desmandos, com isso o clima organizacional não propicia o desenvolvimento de relações interpessoais harmoniosas, com base no respeito e reconhecimento da importância do outro para o bom êxito do trabalho desenvolvimento.

A premissa acima encontra respaldo nas contribuições de Portela e Atta (2007, p. 17) que aduz-se:

Não é fácil constituir a escola como espaço democrático numa sociedade de traços autoritários ainda tão marcantes. O diretor ainda é revestido de um poder que, em muitos casos, ele tem dificuldade de partilhar. E mais: de um modo geral, esse poder é burocrático e esvaziado de conteúdo pedagógico. A direção de uma escola tanto pode criar obstáculos para a prática democrática quanto facilitar o seu exercício.

Qualquer mudança que se enseje fazer na escola só pode tornar-se de fato ato concreto quando houver por parte de seus gestores o reconhecimento que educação é a união de diferentes atores, com um objetivo comum: formar integralmente os educandos. Assim, a dimensão pedagógica, como dimensão específica da escola, deve ser considerada a dimensão central a ser desenvolvida, com o apoio das demais (PORTELA; ATTA, 2007). O/a gestor/a deve ter a capacidade de enxergar que sua função não é de um mero administrador, pois como

educador toda sua ação deve ser especificamente pedagógica, baseada numa relação de troca de conhecimentos, de respeito a subjetividade humana, reconhecendo que o sucesso de sua ação depende exclusivamente da ação de outros.

Qualquer gestor que compreende e defende esse princípio, influencia positivamente a tomada de decisões no espaço escolar, e isso é de suma relevância para o sucesso escolar e a concretização da cidadania dos educandos.

Hoje o maior desafio que os sistemas de ensino enfrentam é fomentar a qualidade da educação, e essa depende da união comum de seus atores principais: equipe gestora, professores, família e demais profissionais. Os desafios dos sistemas de ensino requerem que todos unifiquem esforços comuns, para que o ato educativo possibilite a tão desejada transformação social.

#### **4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS**

Aqui traz-se ao conhecimento do leitor o resultado alcançado com a realização do estágio supervisionado e as contribuições que o mesmo pode oferecer a comunidade acadêmica.

Depois das apresentações do dia 15 de março, realizou-se a primeira observação no dia 20 do mesmo mês. Apresentei-me para os educandos como estagiária do curso de Pedagogia e tentei da melhor forma possível explicar para as crianças o motivo de minha presença em sala de aula. Entretanto, isso não foi fácil e pude compreender o que afirmam Barreiro e Gebran (2006, p. 8):

A presença do estagiário na sala de aula causa uma certa desestabilização nos alunos da classe, diante do elemento novo (especialmente nos primeiros dias), e insegurança no professor em relação à sua própria imagem. Ele se sente questionado em relação aos seus conhecimentos específicos e pedagógicos, à sua competência e à forma como se relaciona com os alunos.

A sala é regida pela educadora Valdilene, nesse dia a mesma iniciou a aula com uma conversa bastante informal, o que deixou os alunos bem à vontade. Em seguida fez uma leitura deleite do livro “A fuga da bailarina” de Cristiane Quintas, da Editora Prazer de Ler, com o objetivo apenas de despertar nos educandos o gosto pela leitura. Realizou a retomada da atividade de casa para dar prosseguimento ao conteúdo de Língua Portuguesa e para isso entregou aos alunos o alfabeto móvel para que formassem palavras que conheciam. Após essa

atividade realizaram um exercício de fixação, a fim de fazer uma lista de palavras conhecidas pela turma.

A segunda aula do dia foi matemática. Os alunos pegaram revistas e livros velhos para pesquisar em que situações usam os números do nosso cotidiano. Recortaram o que encontraram e coloram em um cartaz previamente preparado pela professora que foi exposto na sala. Em seguida realizaram um exercício no livro didático sobre os números no dia a dia. Depois dessa atividade os alunos foram ao recreio.

Ao retomar a aula, a professora iniciou uma aula de Ciências Naturais com o tema “ciências e seres vivos” fez a leitura coletiva de um texto. Houve uma conversa informal sobre as características dos seres vivos. Finalizou-se a observação do dia com uma ótima impressão da turma, que participou ativamente de todas as atividades, o que contribuiu para um melhor andamento da aula e a professora conseguiu concluir o que tinha planejado para o dia.

No dia 21 de março, retomei a observação a qual não foi muito diferente da anterior. A professora iniciou a aula conversando e brincando com seus alunos, uma estratégia que desenvolve a afetividade entre eles, pois se trata de uma comunidade bem violenta. Mais uma vez, realizou a leitura deleite do livro: O encarregado do Rei, de Cayo Ogam, Editora Prazer de ler. Os alunos gostaram muito dessa hora e escutaram com atenção. Em seguida corrigiu a atividade de casa e deu sequência a sua aula começando de Língua Portuguesa. Apresentou um bilhete aos alunos e pediu para que cada um escrevesse um bilhete para um colega da sala. Embora com muita dificuldade, os alunos fizeram o que a professora pediu, leram os bilhetes e entregaram aos colegas destinados.

A aula seguinte foi de Matemática, ela escreveu um problema no quadro e pediu que os alunos respondessem no caderno através de contas, ou através de desenhos. Como alguns alunos têm dificuldades ainda, achei bem interessante esse método de resolver problemas, ou seja, através do desenho. Essa atividade demorou um pouco, pois muitos precisaram de maior atenção por parte da professora.

A professora retomou o tema de meio ambiente com uma atividade usando garrafa pet com o objetivo de fazê-los entender que o lixo pode ser reutilizado. Gostamos da experiência de observar a maneira como essa professora trabalha e como ela consegue o envolvimento dos alunos.

A ação docente da professora pode ser descrita como interdisciplinar. Totalmente adequada para o atual contexto em que vivemos. Sua estratégia de promover o diálogo e a interação grupal adequasse ao que afirma Metz e Pienta (2011, p. 118):

A interação na sala de aula significa valorizar ideias, aceitar diferentes sentimentos, elogiar e encorajar a participação de todos. Há uma possibilidade de refazer no coletivo os caminhos percorridos, tornando os alunos conscientes da ação. O professor, nesse processo de interação, é mediador, aproxima o conhecimento prévio do aluno com as linguagens formalizadas, mostrando possibilidades.

É uma arte que precisa ser apreendida pelo futuro pedagogo, pois não basta dominar bem a teoria se não houver também a capacidade de mobilizar o educando para o aprender a aprender.

Após a finalização da observação, teve início a regência de sala de aula. No dia 22 de março do corrente ano, estagiei na sala do 4º ano do Ensino Fundamental. Planejei uma sequência didática baseada no livro “Você troca?”, de Eva Furnari. Comecei a aula sondando os conhecimentos prévios da turma sobre a troca. O que é trocar? Realizei então uma dinâmica chamada “Você troca”, com o objetivo de estimular a participação dos alunos.

Depois fomos até a sala de vídeo, onde realizei a leitura deleite em forma de slides do livro. Ao voltar à sala, expus o livro e pedi que os alunos fossem até ele e circulassem as palavras com rimas. Não tiveram dificuldades, pois a professora Valdilene já recomendou a exploração do tema que ela já havia iniciado no conteúdo de Língua Portuguesa. Dando continuidade à sequência trabalhei o tema “animais”, solicitando que os alunos pesquisassem em livros e revistas vários tipos de animais, principalmente os vistos no livro trabalhado. Em seguida, analisou-se as características dos animais pesquisados classificando-os em um painel de acordo com o grupo a que pertenciam: vertebrados ou invertebrados. Para concluir, entreguei uma representação do livro aos alunos e pedi que contassem os objetos, animais, alimentos e pessoas para construirmos um gráfico com as informações obtidas. Os alunos participaram com bastante atenção.

Essa experiência foi muito gratificante e esclarecedora. Nesse primeiro dia de efetiva regência de sala de aula foi possível compreender o que recomenda Libâneo (1994, p. 86):

A aprendizagem escolar é uma atividade planejada, intencional e dirigida, não é algo casual e espontâneo. Aprendizagem e ensino formam uma unidade, mas não são atividades que se confundem uma com a outra. A atividade cognoscitiva do aluno é a base e o fundamento do ensino, e este dá direção e perspectiva àquela atividade por meio dos conteúdos, problemas, métodos, procedimentos organizados pelo professor em situações didáticas específicas.

É uma realidade bem distinta da vivenciada na teoria. O docente aprendente que a prática é o elemento que substancia os fundamentos didáticos-pedagógicos adquiridos na graduação.

No dia 23 de março, ocorreu a nossa segunda aula na turma do quarto ano. Iniciei a aula fazendo a leitura do texto “O traje novo do duque”, de Charles Perrault, editora Prazer de Ler, e em seguida realizei uma sequência didática. O texto apresentado aos alunos solicitava que estes procurassem nomes de objetos, animais, pessoas, alimentos, e colocassem nos lugares adequados, classificando-os segundo a ordem alfabética. Depois que os educandos finalizaram a atividade, passei a explicar-lhes o conceito de substantivos próprios e comuns.

Para que houvesse melhor entendimento do que é substantivo próprio e comum realizei uma dinâmica usando os próprios nomes dos alunos escritos em folhas avulsas de papel ofício e em seguida comparamos os nomes próprios com os nomes de objetos.

Para dinamizar a aula, levei os educandos para assistir o filme “Madagascar”, o objetivo foi mostrar-lhes que existe uma diferença entre o nome real do animal e o nome que adotamos. Eles compreenderam que o leão recebeu o nome de Alex. Mas no reino animal sua denominação é leão. Assim, eles puderam compreender que Alex é um substantivo próprio e que todos os nomes que damos aos nossos semelhantes ou aos animais que adotamos são substantivos próprios. De volta à sala, eles fizeram o relato do filme construindo um texto que dava outro final para estória, terminamos o dia com a aula de Matemática. Usando o Tangran, as crianças representaram elementos presentes no texto.

Durante a realização da atividade com o Tangran percebi que as crianças demonstraram maior interesse e interatividade na realização da atividade proposta. Vygotsky em teoria preconiza que o brincar cria oportunidades para que a criança amplie sua visão de mundo, estabeleça novas formas de interação social, desempenhe papéis que a auxiliarão a compreender mais tarde como se processa as relações na vida familiar e na sociedade, uma vez que, nessa atividade ela desempenha diferentes papéis, que vai corroborar para que a criança vá aos poucos compreendendo que cada indivíduo representa um papel social diferente.

De acordo com Vygotsky (1991, p.114) “Além de satisfazer necessidades e desejos, o brinquedo possibilita o desenvolvimento do pensamento abstrato, desencadeia o desenvolvimento da vontade e da capacidade de fazer escolhas”. Para esse autor as situações de brincadeira são importantes para o desenvolvimento global do educando.

Hoje, talvez mais do que nunca, há um compromisso ético e pedagógico que não podemos deixar de assumir com os alunos das nossas escolas: abrir todas as possibilidades que

estiverem ao alcance para que eles conquistem o conhecimento sobre as ‘coisas do mundo’, interessá-los com propostas desafiadoras e significativas, incentivá-los a procurar respostas para suas próprias questões, mostrar que suas descobertas intelectuais e suas ideias têm importância, encorajá-los a dar valor ao que pensam potencializar a curiosidade em relação às diferentes áreas do conhecimento, familiarizando-os com os variados saberes que constituem a formação global dos indivíduos.

No último dia de regência, especificamente, 24 de março, iniciei a aula com uma atividade de artes. Como trabalhou-se conceitos sobre os animais, levei para a sala de aula uma representação da obra de Romero Britto: A borboleta e solicitei que os alunos fizessem uma releitura da mesma. Ao final, expomos no mural da escola. Trabalhamos também com rimas novamente, cada aluno deveria criar uma rima com seu nome e aí confeccionamos o nosso livro de rimas. Terminamos o dia fazendo uma “trilha ecológica”, na qual relacionamos os conteúdos estudados.

Destarte, ensinar pressupõe levar o indivíduo, desde a mais tenra idade, a apreender a realidade que o cerca em diferentes contextos: social, emocional, cognitivo e afetivo. Quando o educando tem a oportunidade de participar de momentos diversificados na escola, ele vai aos poucos compreendendo que a vida em sociedade está repleta de regras e normas pré-estabelecidas, além de adquirir autonomia e criatividade.

Nas contribuições de Bessa (2008, p. 158) encontra-se que:

Por esse motivo, o professor deve acompanhar o modo pelo qual a criança internaliza o conhecimento externo e como o aprendizado escolar incita as relações interna dos processos intelectuais. Assim, ele/a assume o papel de intermediação no processo de aprendizagem do aluno e o ajuda a construir seu conhecimento.

Independente da modalidade de Educação em que o professor atue, é preciso desenvolver a habilidade de estimular o interesse e envolvimento pessoal da criança no processo ensino-aprendizagem. E para isso, o educador deve lançar mão de todos os recursos a seu alcance. Quando o educador oferece a criança diferentes situações de ensino, transforma a ação de educar numa práxis interdisciplinar que engloba aspectos do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e emocional fazendo com que a criança ultrapasse com mais facilidade suas fases de desenvolvimento da aprendizagem.

Esclarece Aranha (2006, p. 49) que:

Tal concepção pressupõe uma prática escolar baseada em critérios para a seleção e organização de conteúdos, a busca de formas de organização para a sala de aula, a



escolha de múltiplos recursos didáticos e de articulações importantes, como as relativas ao ensino-aprendizagem, conteúdo e formas de ensino. A meta é construir progressivamente um ambiente escolar favorável à aprendizagem, no qual os estudantes possam utilizá-los na compreensão de fenômenos e no entendimento da prática social.

O papel do professor hoje é de mediador e orientador da aprendizagem do aluno na construção de seu próprio conhecimento; não bastam mais ações como dar aulas, é necessário muito mais do que isso, ou seja, é preciso envolver o aluno em sua própria aprendizagem, motivando-o, fazendo com que ele se interesse em descobrir, em aprender a aprender.

A partir dessa perspectiva, considerando o processo educativo no contexto do desenvolvimento integral do educando, faz-se necessário repensar as práticas pedagógicas no intuito de superar o paradigma tradicional que ainda continua impregnando o ambiente educativo.

Para Ramos e Faria (2011, p. 54):

Aprender numa modalidade construtiva supõe modificações, novas interpretações do mundo, posicionamentos diferentes que possibilitem a atribuição de significados e não a mera transmissão de conteúdos. Aprender serve para compreender a realidade, elaborar novos conhecimentos, sobre os quais os alunos tenham maior autonomia e não sejam limitados por aquilo que recebem do professor.

Freire em sua obra "*Pedagogia da Autonomia*" (1997) nos alerta que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. A sabedoria desta ideia está exatamente no fato de que o autoconhecimento e o conhecimento são faces da mesma moeda, isto é, apenas podemos descobrir a nós mesmos, aos outros e as coisas se estivermos em interação, agindo e reagindo uns com os outros. Dito de outra forma, para que ocorra a construção de novas aprendizagens é necessário criar outros ambientes de ensino, no qual o aprendizado faça sentido para a complexa vida que se projeta muito além do ensino formal.

Dando prosseguimento as nossas reflexões ressalta-se algumas inquietações percebidas durante a fase de observação de sala de aula, o qual pode ser considerado tranquilo e muito proveitoso, visto que eram apenas participações rápidas, porém planejadas com bastante antecedência.

Neste período, podemos também fazer observações no que diz respeito ao entendimento e do aprendizado de cada aluno. Com base nessa informação, identificou-se quais eram os alunos que tinham maior afinidade e facilidade com a Matemática e quais precisam de um acompanhamento mais próximo para alcançar os objetivos na aprendizagem.

O mais gratificante foi perceber que durante a regência de sala de aula os alunos demonstraram respeito e amizade e participaram ativamente das atividades propostas o que foi muito importante, pois durante o período de observação eles se mantinham à distância.

No período de observação notei que a professora titular da turma apresenta excelente domínio de classe e de conteúdo. A maneira como esta relaciona-se com os alunos é de extrema importância para o andamento das atividades propostas. Antes do período de cada observação e regência ela sempre se reunia comigo para discutir as atividades que serão realizadas, o que reforçou bastante meu aprendizado, e principalmente, o planejamento de aulas. Recebi desta total apoio e colaboração com as aulas que seriam ministradas, inclusive dispôs do seu tempo fora de sala de aula para contribuir com a sequência didática que seria aplicada.

Como aplicar o que dizem os teóricos em salas de aula que apresentam toda ordem de realidades emocionais, intelectuais e sociais? Acredita-se que só mesmo, a experiência aliada às técnicas, planejamentos e o conhecimento teórico pode melhorar este quadro.

Entretanto, cabe destacar que uma significativa parte do educandos da turma do quarto ano apresenta grande dificuldade de aprendizagem, principalmente na leitura e nas operações matemáticas. Os materiais didáticos também não são adequados em sua maioria, por isso a professora tem sempre que providenciar, o que contraria os dispositivos presentes nas políticas públicas de educação, a escola tem o dever de disponibilizar recursos adequados para o trabalho pedagógico. A violência é muito presente na sala, tanto com xingamentos, quanto com agressões físicas. O que nos mostra um pouco do meio que esses alunos estão inseridos, já que no dia a dia escolar eles demonstram as experiências vivenciadas em casa.

A turma também não tem aulas extracurriculares, que possam sair da sala para ao menos mudar de ambiente, o que nos mostra a realidade das escolas públicas brasileiras, que tem uma grande defasagem de profissionais. No caso da escola campo de estágio, esta não possui professor de educação física, portanto os alunos ficam a maior parte do tempo escolar na sala de aula, apenas saindo para o recreio, ou para atividades desenvolvidas pela própria professora da turma.

Por todas essas dificuldades, achamos a professora Valdilene muito centrada e determinada em mudar a realidade daquela turma, promovendo ações, conversas, atividades que discutam cidadania, direitos e deveres dos alunos.

Nesta vivência do estágio o que merece destaque é a vulnerabilidade social em que se encontra a maioria das crianças que ocupam as salas de aula das escolas públicas deste país e com destaque para esta onde realizei o estágio supervisionado.

Como superar problemas sociais tão marcantes e que atingem como um furacão o estado psicológico e emocional dessas crianças, afetando diretamente o seu desenvolvimento cognitivo? Como podemos aplicar técnicas, teorias e outros recursos se a realidade na qual elas vivem compete frontalmente com o professor e tudo que se possa fazer para conseguir atingir o aprendizado esperado? Mas é essa a realidade em que encontra-se o espaço escolar público do nosso país.

A educação está intrinsecamente ligada aos fatores sociais e em consequência a política, que não tem na educação uma de suas prioridades e dessa forma a escola se torna um espaço onde acontece de tudo um pouco e quase nada do conhecimento é assimilado. E nesse universo imbricante e desafiador, o professor é apontado como principal culpado pelo fracasso escolar do educando, mas a culpa maior do estado em que a educação brasileira se encontra é sem sombra de dúvidas dos governantes do país.

Certamente, em termos de leis, não há como negar que avançamos bastante, porém, sua efetivação permanece presa ao papel. Todos os esforços de fato empreendidos pelo Estado favorecem apenas aos que podem “pagar” pela educação de qualidade, e isso não é utopia. A mídia divulga cotidianamente a situação das escolas públicas brasileiras: sucateadas da infraestrutura aos recursos pedagógicos, entretanto, os bravos educadores, mesmo sendo uma das classes que recebe os piores salários, continua firme na luta pela construção da sociedade verdadeiramente democrática, assentada sob a égide do reconhecimento do sujeito de direitos e da concretização de sua cidadania.

A Educação Básica tem como obrigação desenvolver nos indivíduos as competências que sirvam de base para conhecer, relacionar, contextualizar e interpretar os problemas atuais, entender e interagir com o mundo, apropriar-se do conhecimento e propor soluções para a resolução de problemas, formando-se assim, pessoas comunicativas, transformadoras e autônomas.

Para Freire, educar é despir-se do pedestal em que o profissional da educação foi colocado para torna-se “educador”. É reconhecer que nossa tarefa não é causar boa impressão nos alunos, mas sim promover um impacto na vida de quem ensinamos. É reconhecer a inconcretude do seu humano, o seu inacabamento e, isso acontece quando nos tornamos mediadores da aprendizagem, colocando-se no lugar de quem aprende, entendendo seus medos, angustias e incertezas, é reconhecer o que Freire (1996) postulava “Saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Mesmo diante de toda a adversidade presente nas escolas brasileiras, nós educadores prosseguirmos firmes no compromisso que assumimos com a formação integral de nosso educandos. O sujeito professor construirá sua vida profissional, deixará sua “marca” pessoal, alicerçado na construção de valores pessoais, na sua maneira de olhar o mundo, na convivência com aqueles que fazem parte do cotidiano escolar e que dividem com ele as mesmas preocupações, no respeito ao aluno como sujeito que se prepara para ser cidadão. Dessa forma é construída a identidade do docente, e embora as teorias sejam um ponto de apoio, cada um irá construir a sua história.

Destarte, buscar combater o antagonismo presente na Educação é um imperativo que precisa ser abraçado por todos que verdadeiramente, assumiram o compromisso político-pedagógico com a construção de uma educação fundamentada no respeito às peculiaridades dos sujeitos, e principalmente, na formação integral de nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a realização dessa pesquisa foi possível compreender o quanto o estágio supervisionado contribui com a instrumentalização técnico-operativa do estudante de Pedagogia e futuro profissional da educação. Ele é um meio que o educador tem a seu alcance para familiarize-se com a prática da sala de aula, conviver com os alunos e professores e assim habituar-se ao cotidiano do ambiente escolar com seus problemas, desafios, dificuldades, mas também repleto de alegria, realizações e, sobretudo, cheio de crianças e jovens transbordantes de vida e vontade de aprender.

Percebeu-se que ser Pedagogo não é tão fácil como se supunha, é uma profissão muito desafiante, mas ao mesmo tempo gratificante, por isso sua escolha deve ser uma opção consciente e crítica, todo indivíduo deve compreender que ao escolhê-la estará assumindo um compromisso político, democrático, e didático-pedagógico com a formação do sujeito, o que faz com que a escola necessite assumir-se como um espaço democrático, o lócus que vai dotar os indivíduos da cidadania plena, dotando os alunos das competências e habilidades essenciais a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Durante o estágio o estudante compreende a intrínseca relação entre teoria e prática, ambas se convergem como o sustentáculo da ação docente. O graduando a partir do estágio conhece a real situação da escola pública e passa a entender como os conhecimentos adquiridos na formação são essenciais para a construção do saber humano. Percebe que de sua atuação depende o bom desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais dos indivíduos, por isso necessita ser um educador que reflete cotidianamente sobre os rumos de seu ensino, que vê na ação-reflexão a base de todo o fazer docente.

Entende que o principal motivo da escola existir são seus alunos, que estão ali em busca de conhecimento e que merecem uma educação inclusiva e de qualidade, não importando a classe social a que pertencem. Se lhes falta interesse, cabe à escola motivá-los, se tem dificuldades, cabe à escola investigar o problema e fazer os encaminhamentos necessários. Não se pode simplesmente culpá-los, ou culpar o baixo nível de escolaridade de suas famílias, a escola tem que motivá-los e despertar suas potencialidades, pois todos são capazes de aprender e percebendo que são valorizados e acompanhados com interesse, terão prazer em estar na escola. E a escola estará então cumprindo sua função social,

O estágio supervisionado é um momento ímpar na formação docente, é o momento de aprender com o outro, de refletir sobre as condições da escola, de uma sala de aula, sobre as políticas públicas, o processo ensino e aprendizagem e, principalmente, sobre a e da profissão docente. O estágio foi de fundamental importância, pois foi um momento em que podemos relacionar a teoria e a prática efetivamente em sala de aula. Logo no início, podemos aprender que elas se relacionam de maneira que uma não existiria sem a outra.

É o período em que se efetiva sob a supervisão de um profissional experiente, um processo de ensino/aprendizagem que se tornará concreto, permitindo ao aluno comparar programas de estudo face às diferentes necessidades da sociedade.

Nós futuros professores, bem como aqueles que já atuam, temos que conduzir os saberes de modo que sejamos um elo entre as teorias e o educando, tendo o cuidado de deixar espaços, nos quais o indivíduo construirá seu conhecimento a partir do seu envolvimento, da sua vivência com o tema abordado, tornando o aprendizado mais concreto, já que as mudanças sociais influenciam diretamente no cotidiano da sala de aula, faz-se necessário desenvolver uma visão crítica da sua própria realidade. Como bem afirma Libâneo (1994, p. 164) “É na leitura crítica da profissão diante das realidades sociais que se buscam os referenciais para modificá-la”.

Outrossim, o estágio é muito enriquecedor, pois permite uma reflexão para a construção de uma prática educativa junto às crianças as crianças em qualquer modalidade da educação

que aconteça. Além disso, oportuniza a articulação entre a teoria adquirida em sala de aula e a prática docente cotidiana, levando-nos a entender que diante da necessidade de se ter cidadãos mais críticos, reflexivos, conscientes, participativos e responsáveis, é imposto à educação a exigência social de que a escola transforme-se no espaço que busca formar cidadãos capazes de intervir criticamente na realidade para transformá-la a partir das competências e habilidades adquiridas.

É inegável a contribuição dessa experiência para a aproximação e conhecimento da prática docente. O período de realização do estágio foi suficiente para obtenção de informações necessárias, ambientalização na escola e avaliação de todas as práticas envolvidas na docência. Também podemos compreendê-lo como “uma ação educativa e social, uma forma de intervir na realidade” (MIRANDA, 2008). A junção entre teoria acadêmica e prática escolar ocorreu de forma natural e proveitosa, contribuiu para a evolução do conhecimento e aprofundamento da prática docente, permitindo a desconstrução e reconstrução do saber adquirido e possibilitou pautar a prática a partir de um novo olhar, uma nova ótica, uma nova perspectiva de ação.

Também foi possível entender que muitas vezes o que é planejado e discutido na teoria, na prática não funciona tão bem quanto era esperado, podendo até resultar em atritos e outros problemas. Quando isso acontece, as práticas devem ser reavaliadas pela equipe pedagógica com maturidade e coragem para que se possam propor mudanças que visem corrigir o que não deu certo. Este conhecimento sistematizado e estudado, refletido e aprendido na universidade e na escola, oferecem subsídios na construção do ser professor.

As estratégias que usamos na sala de aula encarnam teorias práticas sobre o modo de entender os valores educacionais e quando conseguimos conciliar teoria-prática compreendemos a dimensão que nossa ação exerce na vida do aprendente. Nesse ir-e-vir constante, realizar a aula, refletir sobre os avanços e as reações dos alunos e como podemos retomar alguns conteúdos para que estes aprendam, avancem no desenvolvimento da aprendizagem, faz-se presente o movimento da dialética, da interatividade humana.

Destarte, realizar um estágio é uma oportunidade única e indispensável para o futuro pedagogo. Nada melhor do que vivenciar o dia a dia de uma instituição de ensino para saber o que realmente acontece, como são tomadas as decisões. É o momento revelador da indissociabilidade entre a teoria e a prática e a articulação entre o ensino e a pesquisa, para construção de processos ensino e aprendizagem e para a formação e construção da profissão.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da educação**. 3ed, São Paulo: Moderna, 2006,

ARANHA, M. S. F. **Educação inclusiva: a escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BASSEDAS, E. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BESSA, V. da H. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE. Brasil S. A., 2008.

BRASIL, **Lei Nº 11.274 de 06 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Diário Oficial da União, Brasília, 07 fevereiro 2006.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa: Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, SEB, 2012.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos – Orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: MEC, 2007.

\_\_\_\_\_, **LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 6ed. Brasília: Edições Câmara dos Deputados, 2010.

\_\_\_\_\_, **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia**. Resolução CNE/CP Nº 1. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)>. Acesso em 15 jun. 2015.

ELIAS, M. D. C. **De Emílio a Emilia: a trajetória da alfabetização**. São Paulo: Editora Scipione, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25ed. São Paulo. Paz e Terra. 1997.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo. Atlas, 2002.  
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ed. São Paulo: Atlas 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 7ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, M. S. L. **A hora da prática. Reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

METZ, M. C.;PIENTA, A. C. **Estágio Supervisionado: da docência à gestão na educação básica**. Curitiba: editora Fael, 2011.

MINAYO, M. C. de. (Org.) **Pesquisa social: teoria e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MIRANDA, M. I. Ensino e pesquisa. O estágio como espaço de articulação. In: SILVA, L. C. da; MIRANDA, M. I. **O estágio supervisionado e prática de ensino: desafios e possibilidades**. Araraquara: Junqueira & Marin, - FAPEMIG, 2008.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. 6ed. Lisboa: Porto, 1991.

PERRENOUD, Philippe. Trad. Patrícia Chitoni Ramos. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Armed, 2000.

PILETTI, C. **Didática geral**. São Paulo: Atlas, 2004.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores: Saberes da docência e identidade do professor**. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 6ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PORTELA, A. L.; ATTA, D. M. A. A gestão da educação escolar hoje: o desafio do pedagógico. In: LUIZ, Ana Maria de Carvalho. (Org.). **Gestão educacional e qualidade social da educação**. Salvador: Bahia, 2007.

RAMOS, M. B. J; FARIA, E. T. **Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas**. Porto Alegre. 2011.

RAPOPORT, A.; et al. **A criança de 6 anos no ensino fundamental**. Porto Alegre; Editora Mediação. 2009.



RICHARDSON, R. J.; et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999, p. 75-80.

SILVA, M. C. F. R. da.; FERREIRA, N. R. S. **Pesquisa e prática pedagógica: agir (sim) com reflexão**. Faculdade Educacional da Lapa (Org.). Curitiba: Fael, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológico superiores**. Tradução de José Cipolla Neto. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.